GLOBAL E IRRVERSÍVEL

Num mundo em que o pensamento dos indivíduos está dominado pelas imagens da comunicação social, é surpreendente que a análise científica social da integração global tenha realçado tanto a vertente económica e tão pouco as vertentes da cultura e da percepção. Isto pode muito bem dever-se, como se sustenta, pelo facto de a Sociologia e Ciência Política serem disciplinas modernas e não globais por oposição às disciplinas pós-modernas. McLuhan, teórico da Literatura e da Comunicação, é o responsável pela principal hipótese alternativa. Embora do ponto de vista de uma ciência social positivista ou mesmo analítica muito trabalho de McLuhan seja insatisfatório, as suas ideias, apesar de serem formuladas 30 anos atrás, são de tal maneira perceptíveis e perspicazes que influenciaram muitos dos contributos que agora consideramos fundamentais. Na verdade, as recentes declarações de A. Giddens sobre a globalização devem muito a McLuhan, o que, aliás, não é confessado. Para McLuhan (1964), o princípio determinante da cultura não é tanto o conteúdo, mas mais os meios através dos quais ela é transmitida. Estes incluem qualquer meio que potencie os sentidos, logo, integram as tecnologias das comunicações e dos transportes. Daí que a posição de McLuhan antecipa o determinismo tecnológico que encontramos noutros autores como Rosenau e Harvey, permitindo uma divisão da História em duas etapas principais, que correspondem aproximadamente à solidariedade orgânica e mecânica, teoria de Durkheim. À primeira poderíamos chamar a «época tribal», assente nas tecnologia da oralidade e da roda. Nesta cultura oral, a experiência humana é necessariamente instantânea, imediata e colectiva, também subtil, sensível e completa. A segunda é a «época industrial» baseada nas tecnologias da palavra escrita e mecanização. Nesta cultura letrada, a experiência humana é fragmentada e privatizada. Escrever é um acto isolado e solitário. Além do mais, evidencia o sentido da visão à custa do ouvido, do tacto e do olfacto, deixando o observador distante e desinteressado de todo o resto. A escrita também estrutura o pensamento em sequências lineares interligadas, permitindo que as sociedades se racionalizem e conseqüentemente se industrializem. Esta transformação teve também efeitos globalizantes. O uso do papel, da roda e das estradas fez com que se tenha começado a avançar para o que Giddens designou *alargamento espaço-temporal*. Aqueles factores, graças à sua capacidade de

acelerar as comunicações, começaram a ligar localidades distantes e a reduzir a consciencialização da tribo ou da aldeia, permitindo ainda que os centros do poder estendessem o seu controlo a outras paragens geográficas. McLuhan, de novo antecipando-se a Giddens e Harvey, demonstra que esta reorganização do espaço através do tempo é acompanhada por duas outras importantes invenções universalizantes. Primeiro, o relógio mecânico rompeu com as concepções periódicas e recursiva do tempo, substituindo-as por uma outra duração em que o tempo é medido por divisões precisas. Pela medição, o tempo universal tornou-se princípio organizador para um mundo moderno divorciado do imediatismo da experiência humana. Como diz McLuhan «a divisão do trabalho começa com a divisão do tempo pelo uso do relógio» (1964, 146). A segunda invenção é o dinheiro (as «garantias simbólicas» de Giddens). Que aumenta a velocidade e o volume das relações.

As circunstâncias actuais constituem uma mudança periódica. A preponderante imprensa de cariz industrial e individualizante, o relógio e o dinheiro estão a ser destronados pelos órgãos de comunicação electrónica, que devolvem a cultura colectiva do tribalismo, embora a uma escala global e alargada. A velocidade é a característica-chave. Como a comunicação electrónica é virtualmente instantânea, arrasta consigo acontecimentos e lugares, tornando-os interdependentes. A electricidade estabelece uma rede global de comunicações que é análoga ao sistema nervoso central do Homem. Através dela podemos aprender perceber o mundo como um todo: «Com a electricidade nós prolongamos o sistema nervoso central globalmente, inter-relacionando instantaneamente cada experiência humana» (McLuhan 1964, 358). A sequência linear e, logo, a nacionalidade são expelidos por via electrónica e pela sincronização da informação – o mundo é apercebido de forma global mas também caótica.

Os efeitos aceleradores da comunicação electrónica e dos rápidos meios de transporte criam, por sua vez, um efeito estrutural a que McLuhan designa como sendo «implosão» (1964, 185). Com isto ele quer significar que, estes meios reúnem num só lugar, todos os aspectos de uma experiência – é possível, em simultâneo, tomar conhecimento de acontecimentos e tocar objectos que estão separados entre si por uma longa distância. Actua-se cada mais à distância com impacto real. A estrutura de tipo centro – periferia, comum à civilização industrial tende a desaparecer, perante as actuais características de *sincronia, simultaneidade e instantaneidade*. McLuhan, naquilo que se tornou uma formulação evocativa e irónica, afirma que: «Este é o

mundo novo da aldeia global» (1964, 93). Tal como os membros da sociedade tribal reconheciam uma total interdependência entre si, também os da aldeia global não conseguem evitar a percepção da sociedade humana na sua totalidade. Mas o espaço global não é em nada semelhante a uma comunidade tribal.

O circuito electrónico derrotou o regime de «tempo» e de «espaço», lançando para cima de nós as preocupações do resto da humanidade de uma forma instantânea e contínua. Esse circuito recuperou o diálogo a uma escala global. Mudança total é a mensagem transmitida, acabando assim com o provincianismo psíquico, social, económico e político. Os antigos grupos cívicos, estatais e nacionais tornaram-se inoperacionais. Nada pode estar mais distante do espírito das novas tecnologias do que «um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar». Não podemos voltar atrás!

1. O texto que acabou de ler é Expositivo-Argumentativo.
 - a) Defina este tipo de texto.
 - b) Apresente três características do texto em causa.
 - c) Aponte dois elementos que o diferenciam do texto Expositivo-Explicativo.
2. Identifique as partes que compõem o texto.
3. Qual é a tese que se apresenta no texto?
4. Identifique os estudiosos e os seus respectivos pontos de vista.
5. Apresente os argumentos a favor, contra e os argumentos simultaneamente a favor e contra.

II

Seleccione conectores adequados que se seguem e ligue segmentos abaixo apresentados, de modo a formar frases complexas: porque, apesar de, por isso, no entanto, por um lado, e por exemplo, por outro lado, portanto.

1. A televisão não é possível pela mudança de comportamento. / A televisão pode criar efeitos catárticos.

2. A televisão pode transformar em delinquentes as pessoas com predisposição para a violência. / Ela é muitas vezes criticada.
3. Muitas vezes a televisão tem sido acusada de determinar informações importantes. / Ela pode modificar gostos e opiniões prévias.
4. A televisão cria efeitos políticos muito significativos. / Nas campanhas pré-eleitorais amplifica as tendências pré-existentes. / Em alguns casos pode desenvolver um certo apoliticismo.

III

1. **José Craveirinha e Jorge Amado escreveram respectivamente**
 - a. Ualalapi e Gabriela, Cravo e Canela
 - b. Xigubo e Cronicando
 - c. Cela I e Capitães da Areia
 - d. Mayombe e Portagem

2. O autor de Um Rio Chamado Tempo, Uma casa chamada terra é:
 - a. Ungulani Ba Ka Khosa
 - b. Nelson Saúte
 - c. Mia Couto
 - d. Pepetela

3. «As tuas dores» é um poema de:
 - a. Agostinho Neto
 - b. Armando Guebuza
 - c. Lina Magaia
 - d. Orlando Mendes